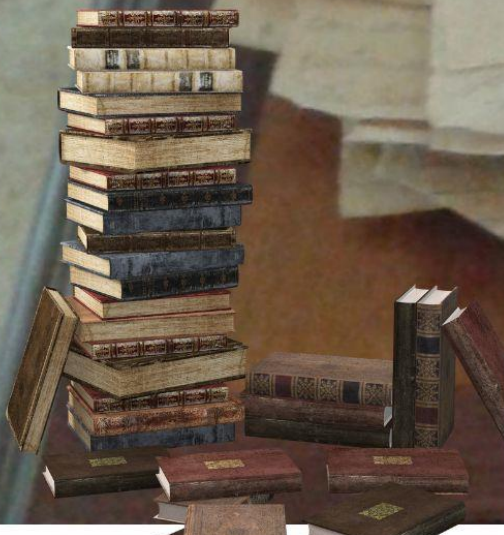


utad

As Arcas das Avós

Exposição sobre Educação Feminina

de 08 de outubro a 7 de novembro.



800 ANOS
Município de Vila Rica RJ

PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO



epm

FCT



FILANDORRA
TEATRO DO NORDESTE

As Arcas das Avós

Exposição sobre Educação Feminina

Desde memórias que se perdem no tempo, nas casas mais pobres ou nas mais ricas, sempre existia uma arca, um malote, um pequeno baú, onde as avós guardavam “as suas limpezas” – um conjunto de panos, lençóis, toalhas, roupa interior, colchas, cobertores, à mistura com outros pequenos pertences, envolvidos em recordações e guardados com carinho. Bens geralmente fechados, protegidos dos insetos, especialmente a traça que atacava os tecidos, por saquinhos de cheiros diversos, onde predominava a alfavaca e o eucalipto. Tais bens e recordações constituíam o bragal das moças ao casar. As peças mais valiosas do ponto de vista sentimental passavam das mães para as filhas. Tudo isto nos remete para os saberes femininos, aprendidos no contexto familiar, nos serões à lareira, no tempo mais calmo do inverno, aos domingos ou nos colégios e escolas. Com esses saberes se transmitiam formas de estar e proceder socialmente, princípios morais e religiosos, ocupações e o lugar das mulheres na casa e na sociedade.

Grande parte da vida passava-se na cozinha, o lugar mais quente no inverno, onde se tomavam as refeições e por onde girava toda a vida da casa. Aí estava, muitas vezes, o berço, bem como os brinquedos, pois era aí que estava a mãe. A partir deste lugar central desenvolviam-se as principais aprendizagens, em particular das meninas, observando, ajudando e depois tomando a cargo diversas tarefas.

A alimentação era uma das mais importantes: amassar a broa ou o pão, cozê-lo em casa ou levá-lo ao forno coletivo, fazer a sopa, assar as sardinhas, o bacalhau ou umas febras, aquecer ovos na cinza, conservar os alimentos. Quando não havia sistemas de refrigeração, era o sal e o fumo que no inverno curavam as carnes de porco, governo do ano inteiro. A gastronomia de Trás-os-Montes e Alto Douro assim o testemunha com as alheiras e demais enchidos, o presunto, mas também as castanhas piladas, os figos secos, as uvas passas, requerendo um saber transmitido pela prática repetida, reforçado por ditados populares, mitos, medos e preconceitos. Os doces eram raros. Faziam-se segundo as épocas festivas e socialmente definidas. Em tempo de vindimas não faltava a marmelada feita nos enormes tachos de cobre, depois colocada em bojudas malgas que se punham a secar nos peitoris das janelas. Nas casas abastadas marcavam presença latas de bolachas ou biscoiteiras de vidro. O leite, de cabra ou de vaca, era vendido em leiteiras de alumínio por particulares.

Cabia às mulheres o tratar das crianças, dos idosos e dos doentes. Eram elas que geralmente aplicavam injeções, cuidavam da higiene de todos, mantinham a fogueira acesa e o pote de água quente, arranjavam os colchões de palha de trigo e de folhelho de milho e mantinham as camas limpas. Desde cedo aprendiam rudimentos de costura, iniciavam-se nas rendas e bordados com que iriam, mais tarde, compor o bragal: lençóis e toalhas bordados ou com graciosas rendas, nos mais diversos pontos. As famílias que podiam enviavam as meninas a costureiras como aprendizes, podendo vir a seguir ou não essa profissão. Para a maioria, fazia parte da sua formação, de tal modo valorizada pelas famílias que o currículo escolar público, desde o seu início, incluía as prendas femininas: coser, bordar, desenhar, fazer meia e crochet e a doutrina cristã.

Apesar da energia elétrica ter chegado em muitas aldeias só depois da Revolução de Abril de 1974 e a iluminação das casas ser à base de candeeiros a petróleo e candeias, era nos serões que muitos destes trabalhos de mãos se realizavam, se rezava e se aprendiam os princípios religiosos. Não significava que tivessem missais ou livros, sempre raros. Esses princípios eram transmitidos oralmente, muitas vezes servidos por poesias, rimas e cânticos.

As meninas que tinham possibilidades de estudar, fosse em colégios, no Curso de Formação Feminina das Escolas Técnicas ou nas Escolas Normais/ do Magistério Primário, tinham no seu currículo Economia Doméstica, Desenho, Puericultura e aprendiam os deveres de uma boa dona de casa e a fazer o enxoval do bebé, costura, bordados e malhas. Mesmo nos liceus, todas tinham “lavoros femininos”, uma versão mais leve dessa formação. Para as futuras professoras primárias, o objetivo era repassarem esses saberes às crianças e às mães, lutando contra tradições nocivas ao desenvolvimento e à saúde das crianças e das populações.

A escolarização progressiva das meninas abriu-lhes novos horizontes de trabalho e de vida, conduzindo a um corte com estas aprendizagens ancestrais que, na atualidade, tendem a reaparecer com novas formas, em grupos informais e intergeracionais constituídos para aprendizagem coletiva de rendas, bordados, malhas ou culinária.

Embora enfatizemos aqui os saberes femininos, não podemos ignorar que era também no meio familiar que os homens, enquanto meninos e já rapazes, aprendiam os saberes ligados a um ofício ou ao trabalho dos campos assim como os comportamentos e valores masculinos que caracterizam a sociedade patriarcal, pesada herança, de que a sociedade atual é ainda herdeira.

É nosso objetivo com esta exposição dar testemunho duma realidade vivida nas pequenas comunidades rurais, honrar os saberes tradicionais e as vozes tantas vezes silenciadas e escondidas das mulheres.

Para que a experiência vivida e o saber das comunidades tenham lugar na História.

Margarida Louro Felgueiras, Maria da Conceição Azevedo e Maria Isabel Breia

UTAD | CIIE e CITRIME - Murça

Programa

Abertura:

8 de outubro, 16h00

Mesa redonda Saberes Femininos

Participantes: Iracema Barroso; Alcina Borges; M^a da Luz Marques; M^a Inês Medeiros, M^a Noémia Sousa.

Coordenação: Margarida Felgueiras (CIIE/CITRIME)

Encerramento:

Dia 5 de novembro, 16h00

Silêncios e lideranças femininas na transição do 25 de Abril

Conferência a cargo da Doutora Maria José Magalhães, Prof.^a Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Moderação: Maria da Conceição Azevedo (CIIE; UTAD)